

**A representação da indisciplina escolar em revistas
brasileiras: uma análise discursiva crítica**

The school indiscipline representation in brazilian
magazines: a critical discursive analysis

Maria Aparecida Resende OTTONI*

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU/BRASIL

Monithelli Aparecida Estevão de MOURA*

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU/BRASIL

RESUMO

Apresentamos resultados parciais de uma pesquisa, na qual analisamos a representação discursiva da indisciplina escolar em gêneros publicados em duas revistas de circulação nacional, voltadas para professores, e em duas voltadas para leitores em geral. Para isso, apoiamos-nos nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso Crítica. Os resultados mostram que as vozes dos alunos e de seus responsáveis não são incluídas nos textos. Quanto à voz dos professores, ela é incluída apenas nas revistas voltadas para leitores em geral. Contudo, na maioria das ocorrências, colabora para a construção de uma representação identitária enfraquecida desses atores sociais.

* Sobre as autoras ver página 274.

PALAVRAS-CHAVE: Indisciplina escolar. Representação. Intertextualidade. Interdiscursividade. Análise de Discurso Crítica.

ABSTRACT

We present the partial results of a study, in which we examine the discursive representation of school indiscipline in two genres published in two national magazines for teachers, and in two magazines made for readers in general. For this, we apply the theoretical assumptions of Critical Discourse Analysis. The results show that the voices of students and their parents are not included in the texts. In relation to the voice of teachers, it is included only in magazines made for readers in general. However, in most instances, it collaborates to construct a weakened identity representation for these social actors.

KEYWORDS: School indiscipline. Representation. Intertextuality. Interdiscursivity. Critical Discourse Analysis.

1 Introdução

De acordo com Zagury (2006a), a maior dificuldade do professor é manter a disciplina em sala e não se pode atribuir apenas ao professor a tarefa de superar esse problema. Na pesquisa realizada pela autora, os professores apresentaram como principais causas da indisciplina na sala de aula a falta de limite, a rebeldia, a agressividade dos alunos, a falta de educação e o excesso de liberdade familiar.

Preocupadas com essa questão que não se limita à educação, mas se constitui em uma questão social, nós investimos na pesquisa¹ de como a indisciplina escolar é representada discursivamente em revistas de circulação nacional voltadas especialmente para professores e em outras voltadas para leitores em geral. Para isso, selecionamos textos sobre o tema nas revistas Nova Escola, do Professor, Veja e Época. A análise é baseada nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso Crítica – ADC (FAIRCLOUGH, 2001, 2003; CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999).

Neste artigo apresentamos resultados parciais de nossa pesquisa,

¹ Agradecemos o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), sem o qual o desenvolvimento do projeto não teria sido possível.

intitulada “A representação da indisciplina na mídia impressa brasileira: uma análise discursiva crítica” e fomentada pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). Ela está subsumida a um projeto maior denominado “Gêneros, discursos e identidades na mídia brasileira”, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida Resende Ottoni e vinculada ao Grupo de Pesquisas e Estudos em Análise de Discurso Crítica e Linguística Sistemico-Funcional, do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia.

2 A Análise de Discurso Crítica

Norman Fairclough foi quem cunhou o termo “Análise de Discurso Crítica” (ADC). A ADC se consolidou como disciplina no início da década de 1990 e, com a obra *Language and Power*, a abordagem de Fairclough da ADC começou a se constituir como uma ciência crítica. Para ele, o termo ‘Crítica’, em ADC, “implica mostrar conexões e causas que estão ocultas; implica também intervenção – por exemplo, fornecendo recursos por meio da mudança para aqueles que possam encontrar-se em desvantagem” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 28).

Na obra *Discurso e Mudança Social*, Fairclough (2001) apresenta a Teoria Social do Discurso (TSD), uma abordagem de Análise de Discurso Crítica. A TSD, como afirmamos em Moura e Ottoni (2011), tem um olhar crítico sobre a linguagem como prática social e propõe examinar o papel da linguagem na reprodução das práticas sociais, das ideologias e principalmente na transformação social. Fairclough (2001) destaca três aspectos constitutivos do discurso: a) ele contribui para a construção das identidades sociais; b) contribui para construir as relações sociais entre as pessoas; c) contribui para a construção de sistemas de conhecimento e crença.

O modelo tridimensional de ADC, proposto por Fairclough em 1989 e aprimorado em 1992 (trad. 2011) reúne três dimensões analíticas do discurso: a análise textual, a análise da prática discursiva e a análise da prática social. Dessa forma, tem-se uma análise dividida em três estágios.

Cada dimensão da análise tem a ela um conjunto de categorias associadas. Neste artigo, devido à limitação de espaço, trabalharemos apenas com duas dimensões: a da prática discursiva e a da prática social.

No que diz respeito à dimensão da análise das práticas discursivas, a qual engloba os processos de consumo, de distribuição e de produção do texto, selecionamos as seguintes categorias a intertextualidade e a interdiscursividade. A intertextualidade, de acordo com Fairclough (2001, p. 114), “é basicamente a propriedade que têm os textos de ser cheios de fragmentos de outros textos, que podem ser delimitados explicitamente ou mesclados e que o texto pode assimilar, contradizer, ecoar ironicamente, e assim por diante”. Quanto à interdiscursividade, adotamos a concepção de Fairclough (2003), segundo a qual ela diz respeito à articulação de diferentes discursos em um texto. Assim, a identificação dos discursos articulados e da maneira como são articulados em um texto é feita pela análise interdiscursiva do texto.

Quanto à dimensão de análise da prática social, relacionada aos aspectos ideológicos e hegemônicos presentes no material analisado, focalizamos a análise da ideologia com base em Thompson (1995). Para ele, o conceito de ideologia é inerentemente negativo e a ideologia é, por natureza, hegemônica. Desse modo, entende que as formas simbólicas são ideológicas somente quando servem para estabelecer e sustentar relações sistematicamente assimétricas de poder. O autor propõe os seguintes modos de operação da ideologia:

Modos de operação da ideologia	Estratégias típicas de construção simbólica
LEGITIMAÇÃO Relações de dominação são representadas como legítimas	RACIONALIZAÇÃO (uma cadeia de raciocínio procura justificar um conjunto de relações)
	UNIVERSALIZAÇÃO (interesses específicos são apresentados como interesses gerais)
	NARRATIVIZAÇÃO (exigências de legitimação inseridas em histórias do passado que legitimam o presente)

DISSIMULAÇÃO Relações de dominação são ocultadas, negadas ou obscurecidas	DESLOCAMENTO (deslocamento contextual de termos e expressões)
	EUFEMIZAÇÃO (valoração positiva de instituições, ações, relações)
	TROPO (sinédoque, metonímia, metáfora)
UNIFICAÇÃO Construção simbólica de identidade coletiva	PADRONIZAÇÃO (um referencial padrão proposto como fundamento partilhado)
	SIMBOLIZAÇÃO DA UNIDADE (construção de símbolos de unidade e identificação coletiva)
FRAGMENTAÇÃO Segmentação de indivíduos e grupos que possam representar ameaça ao grupo dominante	DIFERENCIAÇÃO (ênfase em características que desunem e impedem a constituição de desafio efetivo)
	EXPURGO DO OUTRO (construção simbólica de um inimigo)
REIFICAÇÃO Retratação de uma situação transitória como permanente e natural	NATURALIZAÇÃO (criação social e histórica tratada como acontecimento natural)
	ETERNALIZAÇÃO (fenômenos sócio-históricos apresentados como permanentes)
	NOMINALIZAÇÃO/PASSIVAÇÃO (concentração da atenção em certos temas em detrimento de outros, com apagamento de atores e ações)

Quadro 1 – Modos de operação da ideologia (THOMPSON, 1995)

3 Do *corpus* à análise: a indisciplina escolar em textos de revistas de circulação nacional

Esta seção está organizada em 03 (três) partes. Na primeira, apresentamos o *corpus*. Na segunda, iniciamos a análise com base no modelo tridimensional de análise de discurso proposto por Fairclough (2001), centrando-nos na dimensão da prática discursiva. Nela, analisamos a produção, a distribuição e o consumo dos textos, a intertextualidade e a interdiscursividade. Na terceira parte, analisamos a ideologia dentro da dimensão das práticas sociais. É importante esclarecer que essas dimensões se entrelaçam, mas, por uma questão didática, fazemos essa divisão na análise.

3.1 Sobre o *corpus*

No tocante ao *corpus* analisado neste artigo, ele é constituído de 08 (oito) textos que tratam da indisciplina, sendo 04 (quatro) de revistas voltadas para professores e 04 (quatro) de revistas voltadas para leitores em geral. Do primeiro grupo, fazem parte 02 (duas) reportagens e 1 (um) artigo da Revista Nova Escola e 1 (um) artigo da Revista do Professor². Do segundo, fazem parte 02 (duas) reportagens e 1 (um) artigo da Revista Veja e 1 (uma) reportagem da Revista Época. Essas revistas foram escolhidas porque a Veja e Época eram, no momento de produção de nosso estudo, as duas revistas mais vendidas no Brasil, e a Nova Escola e do Professor, umas das mais lidas pelos docentes da Educação Básica. Os textos foram selecionados tendo em vista um recorte temporal que estabelecemos, de modo que tivéssemos textos publicados somente de 2000 a 2010. Tal recorte se justifica pelo fato de compreendermos que a sociedade está em constante mudança e que, conseqüentemente, a representação da indisciplina pode ser diferente de uma década para outra (MOURA; OTTONI, 2011, 2012).

A seguir, apresentamos um quadro com os dados referentes aos textos que compõem nosso *corpus*:

² Nossa intenção inicial era coletar dois textos de cada revista. Porém, encontramos apenas um texto da Revista do Professor. Assim, para termos um *corpus* composto por 4 textos, selecionamos três da Revista Nova Escola e um da Revista do Professor.

NÚMERO DO TEXTO MENCIONADO NA ANÁLISE	5	7	8
DATA DA PUBLICAÇÃO	11 de maio de 2005.	16 de janeiro de 2008.	16 de Maio de 2005.
AUTOR	Ruth Costas	Gustavo Ioschpe.	Luciana Vicária e Paloma Cotes.
TÍTULO	Com medo dos alunos.	Educação de quem? Para quem?	Muito além do castigo.
GÊNERO	Reportagem	Artigo	Reportagem
REVISTA	VEJA		ÉPOCA
NÚMERO DO TEXTO MENCIONADO NA ANÁLISE	1	3	4
DATA DA PUBLICAÇÃO	Outubro de 2009.	Janeiro/ Fevereiro de 2008.	Abril/junho de 2009.
AUTOR	Beatriz Vichessi, Anderson Moço e Thais Gurgel, sob a coordenação de Denise Pellegrini e de Ricardo Falzetta.	Luis Carlos de Menezes.	Jaqueline KachinskiBrey.
TÍTULO	Indisciplina: como se livrar dessa amarra e ensinar melhor.	A indisciplina ao alcance de todos.	Indisciplina na escola.
GÊNERO	Reportagem	Artigo	Artigo
REVISTA	NOVA ESCOLA		DO PROFESSOR

Quadro 2 – Dados referentes aos textos das revistas Nova Escola e Do Professor

3.2 Análise da prática discursiva

No que diz respeito à dimensão da análise da prática discursiva, ela envolve processos de produção, de distribuição e de consumo dos textos das revistas. Esses textos são fruto de uma produção coletiva, que envolve desde a elaboração de pautas até a revisão e edição. Eles são distribuídos em vários domínios institucionais, o que caracteriza sua distribuição como complexa, e são consumidos pelos assinantes das revistas e por diferentes leitores que podem ter acesso aos textos também pelo site da revista.

Na análise da prática discursiva, ainda, observamos quais vozes são trazidas para os textos para o tratamento da questão da indisciplina escolar, quais discursos são articulados nos textos e quais os efeitos

disso. De acordo com Fairclough (2001, p. 114), a intertextualidade é “basicamente a propriedade que têm os textos de ser cheios de fragmentos de outros textos, que podem ser delimitados explicitamente ou mesclados e que o texto pode assimilar, contradizer, ecoar ironicamente, e assim por diante”.

Como relação à reportagem, T1, nela se argumenta que talvez a primeira mudança necessária para que o professor tenha uma turma atenta e motivada esteja nele mesmo e que ele precisa rever sua concepção de indisciplina e o que está subjacente a esse problema escolar e social. Vichessi, Moço e Gurgel (2009) argumentam, ainda, que o professor precisa entender que a indisciplina é a transgressão de dois tipos de regras: as morais e as convencionais. Para a construção desse direcionamento argumentativo, são trazidas para o texto vozes de vários especialistas no tema, de modo a reforçar a posição defendida pelos autores. Nesse sentido, a relação estabelecida entre os textos e vozes é harmônica. Há, ainda, uma relação intertextual manifesta com experiências realizadas em algumas escolas, as quais são relatadas pela direção da escola, pela orientação educacional e coordenação pedagógica. Essas vozes aparecem apenas nos trechos em que há relatos das experiências. Na reportagem, as vozes dos professores, dos alunos e de seus responsáveis não são incluídas, o que não contribui para que se contemplem os diferentes aspectos envolvidos nessa questão social.

Em T1, diferentes discursos também são articulados, os quais estabelecem, da mesma forma que as vozes, uma relação harmônica³. Temos em T1: a) o discurso jornalístico, uma vez que se trata de uma reportagem produzida por jornalista para uma revista de circulação nacional; b) o discurso científico, representado pela referência a Jean Piaget, à pesquisa realizada na Universidade de Barcelona e à investigação feita por Isabel Leme em 2006; c) o discurso da Psicologia também representado pela referência a Piaget e materializado nos dizeres de Luciene Tognetta, do Departamento de Psicologia Educacional da

³Em Moura e Ottoni (2011), são apresentados diversos trechos dos textos das revistas voltadas para professores, que comprovam a inclusão das várias vozes e a articulação dos diferentes discursos. E, em Moura e Ottoni (2012), são apresentados diversos trechos dos textos das revistas voltadas para leitores em geral, que também comprovam isso.

Faculdade de Educação da Unicamp e do psicólogo austríaco Alfred Adler; d) o discurso pedagógico, representado pela voz de especialistas da educação de diferentes instituições de ensino superior e pela voz de diretores, orientador escolar e coordenador. Além disso, em T1, identificamos características do gênero autoajuda, constituído por um discurso de aconselhamento, como nos trechos a seguir:

(1) Sua paciência está por um fio. A garotada voa pelos corredores, conversa em sala, briga no recreio, insiste em usar boné e em trazer para a sala materiais que não são os de estudo. Cansado e confuso, você se sente com os braços atados e a autoridade abalada. Não suporta mais as cenas que vê e não sabe o que fazer. Quer obediência! Quer controle! Quer mudanças no comportamento dos alunos! Calma... Respire... Se você sonha com uma turma atenta e motivada, a primeira mudança necessária talvez esteja em você. É hora de rever sua ideia de indisciplina e o que há por trás dela (VICHESSI; MOÇO; GURGEL, 2009, p. 79).

(2) Quando o conflito é com você, comporte-se sempre com sabedoria (VICHESSI; MOÇO; GURGEL 2009, p. 81)⁴.

Com relação ao T2, a jornalista Paola Gentile (2002) trata da questão da indisciplina procurando mostrar como ela pode ser uma aliada e não uma barreira no processo de ensino e aprendizagem e aponta três caminhos para se compreender e resolver a questão: “a diferença entre a autoridade e autoritarismo, a importância de entender a necessidade que o jovem tem de se expressar e a vantagem de construir pactos com a garotada” (GENTILE, 2002, p. 17). Para reforçar esse direcionamento argumentativo, estabelece uma relação interdiscursiva entre o discurso jornalístico, o discurso do senso comum, o discurso da Psicologia e o discurso pedagógico e traz a voz de várias fontes, como a de professores de Psicologia de algumas universidades renomadas do país, de pesquisadores em educação e de uma professora de um colégio particular. Traz também dados de uma pesquisa realizada pelo Observatório do Universo Escolar.

⁴ Esses trechos foram também citados e analisados em Moura e Ottoni (2011, p. 19-20).

Já em T3, o físico e educador da USP – Luis Carlos de Menezes – constrói uma representação da indisciplina como intrínseca à vida social e não restrita à escola e, para isso, articula algumas ordens do discurso, a saber: da família, do esporte, do comércio de bens e serviços, da política, da justiça, para mostrar como a indisciplina entra em cena em diferentes práticas sociais. Nesse sentido, joga luz à diferença no modo como se lida com a indisciplina na escola, em casa, nos esportes, na política e no comércio e à necessidade de se repensar como a escola lida com o problema. Assim, Menezes constrói uma representação de que as práticas sociais escolares fazem parte de uma rede de práticas que compõe a vida social (CHOUALIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999) e, conseqüentemente, não se realizam isoladamente. Todos os discursos são trazidos para o texto como uma forma de construir uma representação discursiva, que atrela a indisciplina às relações sociais, colocando-a como um problema inerente às práticas sociais (MOURA; OTTONI, 2011).

No que concerne ao artigo da revista *Do Professor*, T4, a pedagoga Jaqueline Kachisnski Brey constrói uma representação da indisciplina como um problema desafiador no mundo todo e que tem origem no seio da família. Ela destaca que a falta de limites dos filhos, de equilíbrio, por parte dos pais, entre liberdade e responsabilidade, e a adoção de uma atitude permissiva, aliada a mudanças no modo de se educar os filhos contribuíram muito para a indisciplina escolar. Essa representação é construída por meio de vários recursos, dentre eles a intertextualidade manifesta e o diálogo do discurso pedagógico, representado pela voz da pedagoga e especialista em Prática Pedagógica e Educação Especial, Jaqueline Brey, com outros discursos como o de especialistas, especialmente da Psicologia. Esses discursos e vozes funcionam como um argumento de autoridade e são trazidos para o texto para reforçar o discurso da produtora do artigo. Neles, identificamos também um diálogo com a obra de Tânia Zagury (2006b), “Limites sem traumas”, na qual ela fala sobre a influência no modo de educar as crianças e sobre a necessidade de se obter um equilíbrio e dar limites à criança.

No que diz respeito à reportagem da revista *Veja*, T5, Costas (2005) destaca a gravidade da indisciplina nas escolas e os reflexos dela no comportamento e na saúde dos professores. A autora foca na abordagem de um efeito nocivo que a indisciplina escolar tem produzido: a fobia escolar, distúrbio psicológico que tem acometido bom número de professores. A reportagem traz relatos de professores que abandonaram a docência, devido à indisciplina dos alunos. Segundo Costas, os professores estão se sentindo impotentes diante de alunos indisciplinados. Estes ignoram a autoridade dos professores e os consideram seus empregados, pagos pelos seus pais. A jornalista mostra que há uma relação comercial nas escolas e relaciona isso a ocorrência de “um fenômeno de subversão do senso de hierarquia que ocorre em grandes redes de ensino privadas e também está presente em colégios tradicionais” (COSTAS, 2005, p. 63).

Em T5, Costas (2005) traz para seu texto várias vozes e textos com os quais dialoga e por meio do que articula diferentes discursos como, por exemplo: o da psicanálise, o da psiquiatria, o da educação, o acadêmico, o da sociologia, o da pedagogia, o capitalista, o empresarial e o histórico. Ao trazer os discursos da psicanálise, da psiquiatria e da educação, por meio das vozes de um psicanalista, de um psiquiatra e de um professor, o autor constrói em T5 uma representação de que os professores estão doentes por causa do que estão vivenciando na escola. Outrossim, ao trazer os discursos de professores, o autor evidencia uma representação problemática que corresponde ao que muitos docentes dizem encontrar nas escolas: uma relação, segundo a qual eles são os prestadores de serviço e os alunos e pais são os clientes. Filiada a um discurso econômico, há uma representação segundo a qual o professor deve sempre agradar seu cliente, pois este sempre tem razão.

Algumas vozes presentes em T5 evidenciam, ainda, a gravidade do problema e de seus efeitos e que houve uma mudança negativa na forma como se lida com a indisciplina: pais acreditam em tudo que os filhos dizem; estes fazem o que querem; a punição é cada vez mais rara. Vejamos alguns trechos de T5⁵:

⁵ Esses trechos foram apresentados por nós também em Moura e Ottoni (2012, p. 17-18).

(1) Os alunos me enlouqueciam, por isso resolvi deixar o ensino e me dedicar a um doutorado. Eu me sentia humilhado. Não havia nenhum respeito pelos professores. Durante o intervalo, meus colegas chegavam à sala de convivência tremendo de raiva. Alguns choravam. E o pior é que não recebíamos apoio nem dos pais, que protegem demais os filhos, nem dos coordenadores, que têm medo de perder alunos' Marcos Hideaki Ono, [...] ex-professor do Ensino Médio" (COSTAS, 2005, p. 64).

(2) Há quarenta anos um jovem que adotasse esse tipo de postura seria punido pela escola e receberia uma bronca em casa, tornando-se motivo de vergonha para os pais', diz a pedagoga carioca Tania Zagury (...)'Hoje, a punição é cada vez mais rara, tanto na escola como em casa (COSTAS, 2005, p. 63-64).

Em T6, outra reportagem de Veja, produzida 04 (quatro) anos depois de T5, Pereira (2009) evidencia como a indisciplina está comprometendo o processo de ensino e aprendizagem e que as adversidades enfrentadas pelos professores são bastante prejudiciais à educação no geral. A autora ressalta que, para uma melhoria nessa situação, faltam: infraestrutura, professores, professores qualificados e apoio dos pais aos professores. Pereira (2009), assim como Costas (2005), salienta que os professores estão com medo da sala de aula e repensando se vale a pena continuar sendo professor, pois ensinar passou a ser, para eles, uma guerra. Também em T6 há, como em T5, relatos distintos de professores, mas não somente de docentes que estão intimidados devido à indisciplina ou que abandonaram a docência; há relatos de outros que conseguiram lidar bem com o problema e estão tentando encontrar alternativas para minimizá-lo. Em T6, há ainda relatos que evidenciam problemas enfrentados nas escolas brasileiras, como a falta de professores, o que tem contribuído para o agravamento da indisciplina.

Pereira (2009) também traz para seu texto, algumas vozes que materializam diferentes discursos, os quais se articulam em T6 e estabelecem uma relação harmônica. Temos em T6: a) um discurso que evidencia a violência na escola, representado na voz de estudantes, em relatos de docentes e em dados de pesquisas feitas pela Unesco; b) um discurso que representa a realidade vivenciada nas salas de aula, nas

escolas e na educação, materializado nas vozes de professores, educadores e especialistas. Nesse discurso, são apresentadas as más condições estruturais e as dificuldades socioeconômicas dos alunos; c) o discurso científico representado por dados de pesquisas como a da consultoria nGenera, a da Unesco, e na voz da especialista Tânia Zagury; d) o discurso da Psicologia, materializado na voz da psicóloga Marilda Lipp.

No artigo de opinião, designado como T7, Ioschpe (2008) defende que o problema da indisciplina está direta e fortemente vinculado à qualidade da aula que está sendo ministrada, o que se contrapõe, como ele mesmo destaca, à leitura que predomina em nossa sociedade acerca da indisciplina:

(3) na questão da indisciplina, certamente predomina a leitura de que esse é um fenômeno de responsabilidade exclusiva do aluno – desajustado, vagabundo, porra-louca etc. –, de sua família – os pais que não ensinam mais valores aos filhos e só se lembram de ir à escola para reclamar quando o filho leva bomba – e da sociedade em geral, cada vez mais violenta e desrespeitosa. [...] Em realidade, não é apenas na questão da indisciplina escolar que a responsabilidade pelos nossos fracassos é atribuída à sociedade ou aos alunos e que os agentes do sistema educacional, especialmente os professores, aparecem apenas como as vítimas, que lutam sem jamais desistir apesar da enorme maré contra (IOSCHPE, 2008, p. 32).

Já na reportagem da revista *Época*, T8, Vicária e Cotes (2005) centram-se em uma abordagem do tema voltada para a demonstração, aos leitores, de que a solução ou a possibilidade de minimizar a indisciplina escolar está muito além do castigo. Por isso, a escolha do título “Muito além do castigo”. As autoras mostram que algumas escolas estão mudando a maneira de criar regras e de ensinar para lidar com o problema da indisciplina e que isso tem dado bons resultados. Na reportagem, imagens e relatos ilustram o sucesso dessas iniciativas e várias vozes estão presentes. Identificamos as vozes de um psicólogo, de uma diretora pedagógica, de uma diretora geral e de um fundador de escola, as quais representam e materializam discursos da Psicologia e pedagógico para

mostrar ações implementadas ou formas de lidar com a indisciplina que deram bons resultados. Há ainda outras vozes as quais representam um discurso científico, para explicitar o que acontece acerca da indisciplina na escola e como ela não deve ser vista. Segundo o professor e pesquisador Alípio Casali, da PUC-SP, “No ambiente escolar, a disciplina deveria ser entendida como o caminho legítimo do aprendizado, mas ainda é vista como a não submissão ao regimento imposto pela escola” (VICÁRIO; COTES, 2005, p. 54).

3.3 Análise da prática social

A análise da dimensão da prática social está relacionada aos aspectos ideológicos e hegemônicos presentes no material analisado. Ela objetiva particularizar “a natureza da prática social da qual a prática discursiva é uma parte, constituindo a base para explicar por que a prática discursiva é como é; e os efeitos da prática discursiva sobre a prática social” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 28).

Dada a esfera social de circulação dos textos, eles fazem parte da prática social jornalística e, como tal, seguem a rotina de produção dos textos jornalísticos. Tal rotina contempla, dentre outros aspectos, a produção de uma pauta em conformidade com os interesses da instituição e do meio de comunicação, a redação dos textos oriundos dessa pauta, os quais são revisados e editados para a composição do periódico. Essa prática social, como todas as outras, está atrelada a estruturas sociais e envolve relações de poder. Como tal, os textos em análise, como parte da prática social jornalística, são restringidos por essas estruturas e relações.

Nos textos analisados, observamos a ideologia operando em conformidade com alguns modos propostos por Thompson (1995): pela fragmentação, por meio da estratégia simbólica da diferenciação, em T1, T3, T7 e T8; pela unificação, em T2 e T4; e pela legitimação, por meio da estratégia simbólica da racionalização, em T4, T5, T6 e T8.

Em T1, há uma fragmentação por meio da diferenciação dos professores em relação a outros profissionais da educação e aos

produtores do texto. Aqueles são representados como integrantes de um grupo que tem problema e que precisa de ajuda e estes, como os detentores do saber. Dessa forma, há uma representação identitária enfraquecida para os professores (MOURA; OTTONI, 2011). No artigo de opinião, T7, a ideologia opera também por meio da fragmentação, que se dá pela diferenciação de dois tipos de professores: um que dá uma aula de boa qualidade e outro que dá uma aula de má qualidade. O primeiro “enfeitiça os seus alunos, que assistem à exposição da professora em silêncio compenetrado” (IOSCHPE, 2008, p. 32). O segundo “é chamado, à boca pequena, de ‘ET’ pelos alunos” e, em sua aula, “pedaços de giz são atirados ao quadro-negro, bolinhas de argila vão parar nas paredes. A algazarra é tamanha” (IOSCHPE, 2008, p. 32). Ao fazer essa diferenciação, o autor cria uma divisão entre a classe de professores e uma relação de oposição entre dois grupos que a compõem, o que contribui para o seu enfraquecimento. Além disso, coloca o segundo tipo de professor como responsável pela indisciplina, ofusca a responsabilidade dos alunos e dos pais e produz um apagamento de várias questões familiares, escolares e sociais envolvidas.

A fragmentação também está presente em T3. Nele, a ideologia opera por meio da fragmentação de estruturas sociais como: esporte, política, justiça, comércio, para, em seguida, unificar essas estruturas e a escola, no sentido de representar a indisciplina como comum às diferentes esferas da sociedade. Assim sendo, vemos em T3 a ideologia operando por meio da fragmentação e da unificação. Além de estar materializada em T3, a unificação também é observada em T2 e em T4. Em T2, há uma unificação da perspectiva de como lidar com a indisciplina, pois se defende que, por meio da construção de um contrato pedagógico, “todos vão incorporar e cumprir as normas de conduta. E a indisciplina, que antes incomodava, se transforma em uma grande aliada” (GENTILE, 2002, p. 19). Em T4 há uma unificação dos professores como o grupo capaz de cativar a atenção dos alunos e de evitar as atitudes de indisciplina, independentemente do nível e da instituição em que atuam. Ao se representar os professores como sendo o grupo capaz de fazer isso,

apagam-se a necessidade e a possibilidade de se perceber a indisciplina como um problema social, que, como tal, envolve família, aluno, direção, professor, profissionais que atuam na escola e na educação em geral, políticos e sociedade em geral.

Como dissemos, a ideologia opera pela legitimação, por meio da estratégia simbólica da racionalização em T4, T5, T6 e T8. Em T4, uma cadeia de raciocínio é construída, na qual se relaciona a indisciplina na escola à indisciplina em casa (MOURA; OTTONI, 2011) e segundo a qual “crianças indisciplinadas em casa, quase sempre alunos indisciplinados na escola. Infelizmente, não há como fugir desta realidade” (BREY, 2009, p. 50). Já em T5, apresenta-se uma cadeia de raciocínio para justificar um conjunto de relações entre a lógica do comércio, o agravamento da indisciplina, o comportamento e a saúde dos professores. Muitos deles estão com fobia escolar, sentem-se impotentes diante da gravidade do problema da indisciplina e acabam por abandonar a docência.

Assim como em T4 e T5, em T6 a ideologia opera por meio da racionalização, mostrando que vários problemas enfrentados na esfera educacional, como a falta de infraestrutura, de professores, de professores qualificados e de apoio dos pais aos professores, colabora para um mau ensino e, principalmente, para o agravamento da indisciplina. Em T6, “Quando ensinar é uma guerra”, há uma representação da docência como sendo uma guerra, a qual é enfrentada diariamente por docentes amedrontados e intimidados em função do que vivenciam na sala de aula. Essa estratégia também está presente na reportagem de *Época*, T8. No texto, há uma cadeia de raciocínio voltada para a construção de uma relação entre: a) ouvir as necessidades dos alunos, pensar sobre elas e não simplesmente castigá-los; e b) a contenção da indisciplina. Para defender essa relação, são apresentados exemplos de escolas que “praticam a democracia” e têm tido bons resultados no combate à indisciplina. Implicitamente, fica também estabelecida uma diferenciação entre as escolas que mudaram de atitude e combateram ou minimizaram a indisciplina e aquelas que ainda não o fizeram. Fica também implícito um convite a estas para agirem como aquelas.

4 Conclusão

Neste artigo, apresentamos resultados parciais de uma pesquisa. Considerando que são parciais e que toda análise é incompleta, como defendem Ramalho e Resende (2011), muitos aspectos ainda estão por ser abordados. Contudo, acreditamos que a parte aqui exposta constitui uma parcela relevante do estudo e pode contribuir para o debate sobre a indisciplina escolar, sobre como essa questão é representada na mídia brasileira. Nós focalizamos apenas algumas categorias da Análise de Discurso Crítica selecionadas em nosso estudo, a saber: a intertextualidade, a interdiscursividade e a ideologia. Com relação à intertextualidade e a interdiscursividade, observamos que os produtores dos textos das quatro revistas trazem várias vozes e discursos para seus textos. Todavia em nenhum deles é representada a voz dos alunos e de seus responsáveis. A exclusão da voz desses atores sociais preocupou-nos, pois entendemos que são também protagonistas no cenário escolar. Isso revela uma representação que não leva em conta esses atores sociais na abordagem de um problema que eles também vivenciam e no qual também estão envolvidos.

No que diz respeito especificamente às revistas voltadas para professores, chamou-nos a atenção o fato de que nelas não são incluídas as vozes dos professores. Se, como defende van Leeuwen (1997, p. 180) e nós acreditamos, “As representações incluem ou excluem actores sociais para servir os seus interesses e propósitos em relação aos leitores a quem se dirigem” e se as revistas se dirigem aos professores, a exclusão dessas vozes deveria ser objeto de interesse e de reflexão por parte desse público. Já nas revistas voltadas para leitores em geral, com exceção do artigo de opinião da revista *Veja*, a voz dos professores aparece em vários momentos. Contudo, na maioria das ocorrências, a inclusão da voz dos docentes colabora para a construção de uma representação identitária enfraquecida desses atores sociais.

No tocante à interdiscursividade ainda, dos vários discursos articulados nos textos, um em especial destaca-se na maioria dos textos: o

discurso da psicologia. Considerando que os discursos constituem modos particulares de representação de parte do mundo (FAIRCLOUGH, 2003) e que a escolha dos modos de representação depende dos interesses particulares e das práticas/posições enfatizadas na representação, a presença desse discurso na maioria dos textos revela muito sobre como a questão da indisciplina escolar é representada nos textos das revistas selecionadas. Há uma construção discursiva que a associa fortemente à mente, às emoções, às relações; enfim, à esfera do psicológico.

Nas análises foi possível também identificar como a ideologia opera nos textos pela fragmentação, por meio da estratégia simbólica da diferenciação; pela unificação; e pela legitimação, por meio da estratégia simbólica da racionalização.

Acreditamos que outros estudos podem ser produzidos a partir deste, focalizando a representação da indisciplina em outros gêneros das mídias radiofônica, impressa, televisiva e digital e em outros gêneros atrelados a pesquisas de cunho etnográfico, como a entrevista com professores, alunos e/ou responsáveis pelos alunos.

REFERÊNCIAS

BREY, J. K. Indisciplina na escola. **Revista do Professor**, Porto Alegre, ano 25, nº 98, abr./jun. 2009.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis**. Edinburgo: Edinburgh University Press, 1999.

COSTAS, R. Com medo dos alunos. **Veja**, 11 de maio de 2005, p. 62-66. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/110505/p_062.html>. Acesso em: 25 mar. 2010.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. Coord. e pref. à ed. bras. I. Magalhães. I. Magalhães et al. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing Discourse: Textual Analysis for Social Research**. Londres/Nova York: Routledge, 2003.

GENTILE, P. A indisciplina como aliada. **Revista Nova Escola**, edição nº 149, Janeiro/Fevereiro de 2002. p.16-19. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/indisciplina-como-aliada-431399.shtml>>. Acesso em: 15 mar. 2010.

IOSCHPE, G. Educação de quem? Para quem?. **Veja**. 16 de janeiro de 2008, p. 32-33. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/gustavo-ioschpe/index_150108.shtml>. Acesso em 13 mar. 2010.

MENEZES, L. C. A indisciplina ao alcance de todos. **Revista Nova Escola**, edição nº 209, janeiro/fevereiro de 2008. p. 90. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/indisciplina-ao-alcance-todos-518604.shtml>>. Acesso em 25 mar. 2010.

MOURA, M. A. E. de; OTTONI, M. A. R. A representação da indisciplina nas revistas “Nova Escola” e “Do Professor”: uma análise discursiva crítica. **Horizonte Científico**. Uberlândia, v. 5, n. 2, p. 1-30, 2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/issue/view/686>>.

MOURA, M. A. E. de; OTTONI, M. A. R. Uma análise discursiva crítica da representação da indisciplina em reportagens e artigo de opinião das revistas “Veja” e “Época”. **Horizonte Científico**. Uberlândia, v. 6, n. 1, p. 1-29, 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/view/14579>>.

PEREIRA, C. Quando ensinar é uma guerra. **Veja**. 17 de junho de 2009, p. 96-101. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/170609/p_096.shtml>. Acesso em: 21 mar. 2010.

RAMALHO, V.; RESENDE, V. de M. **Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa**. Campinas: Pontes Editores, 2011.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1995.

VAN LEEUWEN, T. A representação dos atores sociais. In: PEDRO, E. R. (org.) **Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional**. Lisboa: Caminho, 1997, p. 169-222.

VICÁRIA, L.; COTES, P. Muito além do castigo. **Época**. 16 de maio de 2005, p. 52-55. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR70195-6014,00.html>>. Acesso em: 12 mar. 2010.

VICHESSI, B.; MOÇO, A.; GURGEL, T. Indisciplina: como se livrar dessa amarra e ensinar melhor. **Revista Nova Escola**, edição nº 226, outubro de 2009. p.78-89. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/edicoes-impresas/226.shtml>>. Acesso em: 21 mar. 2010.

ZAGURY, T. **O professor refém**: para pais e professores entenderem por que fracassa a educação no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2006a.

ZAGURY, T. **Limites sem trauma**. 74. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006b. 178p.

Recebido em outubro de 2013.

Aceito em agosto de 2014.

SOBRE AS AUTORAS

Maria Aparecida Resende Ottoni é doutora em Linguística pela Universidade de Brasília (2007), fez estágio de doutoramento na Universidade de Lisboa, em Portugal (2006). É professora do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (ILEEL/UFU), coordenadora do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras e líder do Grupo de Pesquisas e Estudos em Análise de Discurso Crítica e Linguística Sistemico-Funcional. Entre seus temas de pesquisa, destacam-se: ensino de Língua Portuguesa; gêneros; humor; discurso jornalístico; identidade; representação de atores sociais. E-mail: cidottoni@gmail.com

Monithelli Aparecida Estevão de Moura é graduada em Letras. Professora de Francês. Foi bolsista por dois anos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). É membro do Grupo de Pesquisas e Estudos em Análise de Discurso Crítica e Linguística Sistemico-Funcional do Instituto de Letras e Linguística da UFU. E-mail: monithelliaparecida@gmail.com